

## Pesquisar é preciso? Avaliar não...<sup>(a)</sup>

Emiko Yoshikawa Egry<sup>1</sup>

Ao entrar em 2009, fui presenteada por uma amiga com a magnífica obra de Ítalo Calvino<sup>(1)</sup> - *Por que ler os clássicos* - que, logo no início, nos leva à reflexão sobre a leitura e releitura. Às primeiras páginas, pode-se entender que os clássicos, são *aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los<sup>(1)</sup>*. Os clássicos *servem para entender quem somos e aonde chegamos e por isso os brasileiros são importantes, são indispensáveis justamente para serem confrontados com os estrangeiros e os estrangeiros são indispensáveis para serem confrontados com os brasileiros<sup>(1)</sup>* (no original, ao invés de brasileiros encontra-se *italianos*, dado o lugar de onde fala Calvino).

Mas o que tem a ver isto com nossas atividades de pesquisar e avaliar o pesquisado e o pesquisador? Muito, eu diria, tanto que mal cabe num só editorial.

As pesquisas na Enfermagem, como em outras áreas do conhecimento, servem para buscar as repostas ao porquê tal fenômeno sucede. Tem a curiosidade como forte aliada e o desejo de fazer melhor e para isso de compreender melhor o quê e como é o objeto fenomênico alvo da investigação. Os resultados podem ser novas maneiras de intervir no cuidado (em si ou na gerência dele) ou no processo saúde-doença, desde o diagnóstico, o planejamento, a gestão e a implementação e a avaliação. As pesquisas são portanto, precisas, no sentido de necessárias e a parte mais precisa nisto é a *reflexão* acerca do que é observado, achado ou conhecido. A reflexão é a releitura da realidade tal como novamente se apresenta. Analogamente ao que se referiu Calvino sobre as obras clássicas da literatura mundial, reler a realidade tal como se mostrava e se mostra, é uma experiência fabulosa para as pesquisadoras em idade madura, pois permite detalhar, apreciar os diversos níveis e os variados significados.

As pesquisas não são precisas, no sentido de exatas, pois tal como viver, sabe-se onde começa, mas pouco se sabe onde vai terminar... e para muitos pesquisadores, é aí que reside o encanto do pesquisar... a sua não-previsibilidade final. A Enfermagem, tratando-se de uma área no qual sua característica essencial é a Humanidades - pois trata-se da vida e da morte, da saúde e da doença, do sofrimento, das alegrias e das realizações, do cuidar e do ser cuidado, do trabalho e do processo de trabalho, do significado e das interpretações, do contexto, da conjuntura e da estrutura da sociedade - tem peculiares fenômenos para investigar e, ao contrário do que muitos admitem ou desejam, as formas de divulgação dos achados nem sempre *cabem* em modelos pré-estabelecidos contemporaneamente nas ciências ditas da saúde.

Avaliar não é preciso, no sentido de que não é exato. Isso se deve muito menos aos instrumentos utilizados pelos nossos organismos reguladores da produção científica no Brasil, do que à intencionalidade contida atrás das avaliações. Exatamente, a falta de clareza desta intencionalidade faz com que avaliação seja um processo penoso para avaliadores e avaliados: o quê queremos avaliar? Para quê queremos avaliar? Porquê queremos avaliar? A incoerência entre um suposto querer - para melhorar a produção e valorizar os produtos mais significativos, por exemplo - e os critérios de ranqueamento utilizados, nos quais arbitrariamente são definidos percentuais, privilegiando claramente as áreas que tem um número muito maior de periódicos, em detrimento da nossa, por exemplo, desorienta o sentido geral da produção científica e cultural do País. Desorienta também a produção científica no País, quando os resultados das avaliações são utilizados para realizar os aportes de recursos financeiros e de número de bolsistas: aí também não há clareza e explicitação de critérios para ampliação quantitativa e qualitativa das bolsa de pesquisadores para as diversas áreas do conhecimento. A simples menção de critérios de distribuição para o aumento de bolsas produtividade ou para ampliação do quadro dos 1 A do CNPq (pesquisadores do mais alto nível do Conselho Nacional de Pesquisa) é considerado um tabu dentro dos processos avaliativos daquele organismo.

<sup>(a)</sup> Parafrazeando: "Navigare necesse; vivere non est necesse" de Pompeu (general romano, 106-48 aC), Petrarca (poeta italiano, 1304-1374) e "Navegar é preciso, viver não é preciso" de Fernando Pessoa (escritor e poeta português, 1888-1935). <sup>1</sup> Professora Titular do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Membro do Comitê de Assessoramento da Enfermagem do CNPq (dez. 2007 a nov. 2009). Editora Associada da Revista da Escola de Enfermagem da USP. São Paulo, SP, Brasil. emiyegry@usp.br

Entretanto, avaliar é preciso, no sentido de necessário, pois certamente a produção científica que utiliza muito dos recursos públicos no nosso País deve respostas à sociedade, tanto quanto a educação e a saúde. Uma das formas de responder à sociedade são as publicações científicas, que devem ser veiculadas na língua compreensível pelos profissionais da área, ou seja, português, para nós, e este deveria ser a primeira obrigação do pesquisador. Em seguida, ou mesmo simultaneamente, deve ser publicado nas línguas que os pesquisadores mundiais da área mais conhecem, não importando a nacionalidade do periódico, se brasileiro ou outro. Na Enfermagem, portanto, a segunda língua poderia ser o inglês, o espanhol, o francês entre outras. E tudo isto numa revista genuinamente brasileira, por que não? E todas as versões devem ser computadas para efeitos de avaliação da produtividade em pesquisa, pois quem já experimentou fazer sabe que a cada idioma uma *cultura* diferente deve ser instalada na divulgação científica.

Se avaliar é necessário, então a intencionalidade geral e explícita deve contar com estratégias e métodos que sejam ao mesmo tempo gerais e específicos, e cujos critérios devem retratar a conjuntura e a estrutura de cada área do conhecimento, com suas potencialidades e limitações a serem superadas.

Os critérios atuais do CNPq para avaliação dos pesquisadores e da CAPES para a avaliação dos programas de pós-graduação, mesmo com a bem-vinda revisão que nos convida o Presidente do CNPq neste exato mês, carecem de ampla revisão de sua intencionalidade, realizada de forma coletiva, com participação e reflexão dos pesquisadores, além de ampla divulgação. É impossível realizar esta tarefa em semanas, impossível (e injusto) mesmo será aplicar os novos critério de forma retroativa. Em sendo assim, que valha a lei neste caso: retroagir somente naquilo que for beneficiar a Enfermagem (e cada uma das demais áreas) e os pesquisadores.

Entretanto, há sem dúvida o que mudar: uma das mais significativas mudanças é dar ao processo de investigação e aos resultados um caráter mais cumulativo. Assim, o cômputo da produção científica recente (dos últimos cinco anos, que tem sido adotado) não pode anular a produção anterior, pois graças a ela é que os pesquisadores e as próprias pesquisas ganham maturidade de *re-leitura* dos *clássicos* da Enfermagem: aquelas obras (livros, capítulos, editoriais, artigos) que são ímpares, e que sempre serão um convite à reflexão de todos os profissionais da Enfermagem. Ganham maturidade os pesquisadores conforme sua experiência na vida profissional, agregando motes reflexivos que podem alavancar os conhecimentos, a partir de leituras intertextuais e dos achados empíricos. O caráter cumulativo é sempre associado ao de múltipla participação, ou seja, de caráter coletivo. Daí então deve-se também valorizar a reflexão coletiva, aquele processo em que de fato os pesquisadores debruçam sobre os achados, voltam aos textos, realizam sínteses provisórias que serão debatidas por outros pesquisadores, até encontrar o veio mais fértil para antítese e síntese. Um processo que resulta fabuloso e cujo produto tem tudo para se tornar um *clássico*, mas que demanda tempo: tempo que não cabe nos atuais critérios adotados.

## REFERÊNCIA

1. Calvino I. Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras; 2007.